

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MODA, IMPRENSA FEMININA E ENSINO DE HISTÓRIA: OS ANOS DE 1914 A 1918 POR MEIO DO JORNAL DAS MOÇAS

Ma. Letícia Fernochi
Universidade Estadual de Maringá
le_fernochi@hotmail.com

No início do século XX a imprensa feminina ganhou espaço entre as publicações no Brasil, o público alvo, as mulheres, estavam cada vez mais consumindo esse material pois ali se encontrava uma variedade de assuntos: conselhos amorosos, dicas de culinária e de como agradar o marido, sobre beleza e criação de filhos e sugestões de moda inspiradas nas tendências parisienses. O incentivo para as mulheres desenvolverem o hábito de leitura vinha da intenção do Brasil de se desenvolver e comparar aos países europeus, a leitura era considerada uma forma de disciplinar e civilizar o indivíduo (ALMEIDA, 2014). As mulheres obtiveram autorização para circular nos salões de leitura e as publicações para esse novo público aumentavam cada vez mais, porém existia a preocupação do que estaria escrito nesses materiais, as mulheres só eram permitidas a

[...] leitura solitária de romances e livros de civilidade; a leitura coletiva de folhetins encartados em jornais e revistas, durante serões de família; assim como a leitura de conselhos sobre moda, higiene, culinária, saúde das crianças e culinária, sonetos, crônica social, contos, piadas publicadas em revistas femininas. À mulher do novo século eram consentidas diversas leituras. [...] (ALMEIDA, 2014)

Nesse trabalho explora-se a revista *Jornal das Moças* nas suas edições entre 1914 e 1918. Essa revista ilustrada teve origem em 1914, era produzida no Rio de Janeiro e tinha circulação nacional, que no início foi quinzenal e depois se tornou semanal. Não foi encontrada uma explicação objetiva para a mudança de periodicidade, mas podemos evidenciar que o público leitor formado por mulheres de classe média e alta cresceu expressivamente no período. A valorização desse segmento em ascensão fez aumentar as publicações destinadas a elas no intuito de instruí-las e torná-las educadoras dos filhos da pátria (ALMEIDA, 2014). No momento (2021), a revista está digitalizada na Hemeroteca da Biblioteca Nacional estão digitalizados os exemplares até o ano de 1961.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Foram analisadas as edições de número 1 até a 184 do Jornal das Moças que vão do ano de 1914 até 1918, com enfoque voltado para as seções : “A arte de ser elegante” e “Modos e Modas”. No entanto, outros artigos da revista foram utilizados quando considerados relevantes para a discussão do tema proposto. As edições da revista Jornal das Moças que foram utilizadas como fonte desse trabalho foram dirigidas por seus fundadores: Álvaro Menezes (diretor e redator) e Agostinho Menezes (diretor responsável), mas não explicitam algumas informações que poderiam ser relevantes para identificar os autores dos artigos das seções, eles se identificam apenas por um nome (não utilizam sobrenome), que pode ser verdadeiro ou pseudônimo. A tiragem das edições eram publicadas com distribuição por todo território nacional, cobrindo assim as capitais. Chegava às mãos das leitoras todas às quartas-feiras, nas bancas ou pelo correio para quem solicitasse sua assinatura. (SOARES; SILVA, 2013)

Algo que deve ser ressaltado é que a capital do país, Rio de Janeiro, passava por grandes transformações para se assemelhar a Paris, a influência francesa na cidade é inegável tanto pelas roupas, costumes, mas também pela organização social e urbana. O período conhecido como *Belle Époque* no Brasil estende-se de 1898 a 1914, engloba da eleição de Campos Salles a Primeira Guerra Mundial (NEEDELL apud MACENA, 2010). Com a eleição de Pereira Passos como prefeito da capital federal a tentativa de “modernizar” o Rio de Janeiro ganha forma, o bota abaixo, a revolta da vacina, acontecimentos estudados na escola durante o 9º do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio estão entre acontecimentos relevantes do período.

O intercâmbio entre as línguas e as culturas francesa e brasileira resultou do contato entre elas, mas, principalmente, do arrebatamento manifestado pelo brasileiro face ao prestígio da cultura francesa. Os galicismos, palavras emprestadas do francês que foram incorporadas pelo português. Por exemplo: Bustier, boutique, cache-col, chanel, chic, escarpin, écharpe, évasé, fecho éclair, godet, jabot, lingerie, maillot, maquillage, mousseline, nécessaire, organdi, peignoir, pochette, prêt-à-porter, plissé, rouge, robe, soutien, tailleur, taffetas. (ZANON, 2005, p.20)

A derrubada dos cortiços e casebres do centro da cidade, a construção dos grandes *boulevards*, a marginalização da população de baixa renda e a vacinação obrigatória para extinção de doenças que atrapalhavam o turismo e os negócios internacionais estão no centro do período estudado e possuem impacto na imprensa feminina da época.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No séc. XX, as transformações que afetaram a sociedade brasileira, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, trazendo crescimento urbano, aumento da população e de suas camadas médias, melhoria no nível de instrução, entre outras modificações, refletiram-se na modernização da imprensa. Surgiu a grande imprensa, com maiores tiragens, sustentadas pela publicidade. Intensificou-se o hábito de leitura de jornais e revistas, conforme comprova o aumento das publicações. (LIMA, 2007, p.224)

As revistas femininas entre elas a *Jornal das Moças* têm suas publicações influenciadas por esses acontecimentos e claro pela constante influência francesa, além do princípio de reconhecimento da mulher como um indivíduo único, porém que deve tomar cuidado não só com o que veste, mas com a aparência em geral. Na edição 17 do dia 15 de janeiro de 1915 do *Jornal das Moças* foi escrito que “a elegância reside na Belleza, na perfeição das linhas, no contorno de um busto de elance deslumbrante, num rosto sem rugas, num movimento de andar, e num gesto.

Outro acontecimento de grande impacto do período estudado é a Primeira Guerra Mundial, que logo de início não teve grande reflexo nas roupas pois a coleção de 1914 já estava em produção, no entanto no decorrer do conflito as vestimentas foram se transformando para se adequar ao período catastrófico que assolava a Europa, e os efeitos também foram vistos no Brasil. Por exemplo na edição 27 do *Jornal das Moças* foi dito que “a guerra tem influído muito nos novos modelos de vestuários não só femininos como masculinos. Os vistosos uniformes militares tem sido imitados, quase que copiados.”

No decorrer do conflito, as roupas foram se adaptando aos materiais que ainda estavam disponíveis, pois a grande maioria estava voltada para a fabricação de produtos a serem encaminhados para as frentes de batalha. Assim, tecidos sintéticos passam a ser uma nova saída para a produção de roupas. Como afirmam Teixeira e Silva (2018, p. 54), os tecidos sintéticos ajudaram a democratizar a moda, pois ela poderia atender todos os públicos, incluindo as operárias, constituindo uma moda mais acessível e barata. Os corpetes e os prendedores de cabelo não eram mais prioridades para a mulher trabalhadora alinhada com os esforços de guerra, pois, para fabricar esses itens era necessário metal – material precioso para a indústria bélica. Nesse sentido, ressalta Jan Nielsen (2015), as mulheres foram substituindo as vestes elegantes de outrora, por outras mais práticas,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

como as calças e macacões. Já os cabelos curtos foram outra forma de viver em sociedade sem as restrições formais das relações anteriores à guerra.

Temos que lembrar que as mulheres, como afirma Michelle Perrot (2015), que as mulheres já ocupavam os espaços sociais de maneira bastante consistente, porém, as narrativas históricas, grosso modo, as invisibilizaram e não ressaltaram a presença feminina nos diversos espaços, dando ênfase apenas aos papéis sociais desenvolvidos no âmbito privado. Essas mulheres estavam nos campos fazendo as plantações e colheitas para prover os alimentos, no front de batalha participando da guerra como enfermeiras, motoristas e outras atividades essenciais em tempos de guerra. O fato é que as mulheres se tornaram chefes de famílias, a saber, aquelas que deveriam produzir e trazer para a casa o sustento de todos.

[.] elas se imiscuem em lugares e tarefas masculinas nas quais se saem muito bem. Conduzem arados, automóveis e bondes. As “municionetes” manipulam obuses nas fábricas de armamento. As mulheres gerenciam seu orçamento, aprendem a lidar com dinheiro, recebem melhores salários. Fazem greves por seu aumento: em 1915, em 1917, manifestam-se em Paris, por iniciativa própria. Vão e vêm, fumam, tomam liberdades. Os homens criticam seus gastos, olham de esguelha para suas meias de seda, desconfiam de sua fidelidade. Ruptura de hábitos e de evidência, a sexualidade de guerra é problemática. (PERROT, 2007, p. 144)

A guerra teve uma contínua influência sobre a moda não só pelos uniformes militares adaptados as vestimentas civis, como os *tailleurs*, a moda do *tailleur* tornou-se mais popular a partir de 1915, aproximava o corte da roupa feminina à masculina, compondo duas peças, com parte de cima, muitas vezes remetendo ao desenho de paletós femininos (TEIXEIRA; SILVA, 2018, p. 64). Esse traje já fora usado muitas vezes antes, como diz Rosane Feijão (2012, p. 17), quando uma primeira aproximação do vestuário feminino com o masculino se deu durante a década de 1860 com o surgimento do *tailleur*. O traje, considerado então apreensivamente masculino, só passou a ser efetivamente utilizado após 1880, quando as mulheres começam a ocupar espaços até então somente frequentados por homens.

Mas muitas mulheres se sentiam apreensivas de utilizá-lo pela semelhança com a roupa masculina. No entanto, com a Grande Guerra acontecendo e as mulheres assumindo as posições masculinas na sociedade o ‘desconforto’ deixa de ser uma questão e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

finalmente o uso do *tailleur* passa a ser recomendado pelas revistas femininas. No Jornal das Moças edição n.47 datada do dia 16 de abril de 1916 a seção ‘Modas e Modos’ tratou sobre os *tailleurs* reforçando que:

“o costume *tailleur* continua a ser o grande favorito do momento: é pratico, simples, elegante e commodo. Muitas senhoras o adoptam exclusivamente. Dahí a sua superabundancia nos theatros, nos chás, nas visitas, nos passeios etc.”. [sic] (JORNAL DAS MOÇAS, 1916, n.47)

O luto também era uma realidade presente para as mulheres que perderam seus parentes e isso gerou coleções específicas para esse momento de profunda tristeza. No Jornal na edição 111 foi colocado que “uma senhora não deve, mesmo no decurso de um longo lucto, abandonar seus hábitos elegantes. O melhor é se conformar, quanto a severidade do lucto [...] e as exigências da vida que leva.” Os acessórios também ganharam nova roupagem com a guerra, a edição 37 publicou na seção Modas e Modos

A única novidade, actualmente em Paris, consiste no uso de joias feitas com estilhaços de granadas e outros projectos de guerra, e que tem tido um êxito completo. Não se trata de joias compradas ao acaso, mas de uma joia pessoal, uma espécie de relíquia que encerre uma recordação saudosa e grata para quem a possui. (Jornal das Moças, 1915, n.37)

A Primeira Guerra trouxe a escassez inclusive de tecidos pois havia a dificuldade de obtê-lo e também a demanda privilegiada era a do campo de batalha, as cores vibrantes deram lugar as cores neutras. As vestimentas femininas encurtaram e permitiram a mulher se locomover com mais facilidade, afinal agora a mão de obra delas era necessária nas fábricas de armamentos e também no cultivo do campo.

A guerra trouxe anos de sobriedade mais com o seu fim as roupas continuaram se encurtando, as mulheres se posicionaram como provedoras da família e exigiam o direito a participação política, afinal como destaca Teixeira e Silva (2018, p. 60) dos comportamentos escolhidos pela mulher, a indumentária se mostra como o melhor caminho para refletir a decisão feminina.

A moda nos traz a perspectiva de estudar as relações sociais e as características da sua evolução, as pernas das mulheres escondidas até a Primeira Guerra Mundial e depois

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

exposta em saias de comprimento no joelho são fatos que trazem reflexões de como isso aconteceu, por que mudaram, qual o contexto envolvido para a mudança.

No livro de Daniela Calanca (2008, p. 16) foi verificado que a indumentária é um fenômeno completo porque, além de propiciar um discurso histórico, econômico, etnológico e tecnológico, também tem valência de linguagem. E a roupa a partir do momento que reveste o corpo pode ser compreendida como linguagem do corpo. Gilda de Mello e Souza (1987, p. 130) complementa afirmando que a moda serve a estrutura social, acentuando a divisão em classe, exprime ideias e sentimentos pois é uma linguagem.

No período contemplado por este estudo a moda não é só um separador de classes mais também de sexos, as roupas masculinas e femininas a partir do momento que homem começou a usar calça e casaco tomou uma distância. A masculina manteve-se estável já a feminina sofre constantes transformações e é a mais impactada pelos acontecimentos mundiais descritos acima (transformações no Rio de Janeiro e Primeira Guerra Mundial). Segundo Daniel Roche (2007, p. 225) as roupas significam muito mais do que aparentam, as roupas são como as palavras de uma língua, que precisam ser explicadas e traduzidas, a dificuldade de fazer está em apreender em um mesmo movimento a estabilidade e as mudanças das aparências.

Após a Primeira Guerra Mundial, segundo Lipovetsky (2009, p.81), a confecção das roupas transformou-se devido a uma maior divisão do trabalho e a evolução da indústria química que possibilitou tecidos com um colorido mais rico. As coleções que anteriormente não tinham data fixa passam a se organizar pelas estações e apresentam desfiles nos salões, no entanto até os anos 1960 a moda continua dependente dos decretos da alta costura parisiense.

Alta costura essa que disciplinou a moda atraindo cada vez mais compradores estrangeiros que adquiriam as coleções produzidas em Paris com o direito de reproduzir em série nos seus países de origem, assim as tendências ditadas pelos grandes nomes da alta costura vão se disseminando pelo mundo e tornando-se cada vez mais acessíveis, como se houvesse uma uniformização mundial da moda. Ainda assim a moda também pode representar a individualidade observando os detalhes, os acessórios e modos de usar, a moda ligando não só o prazer de ver como o prazer de ser visto, a moda e seus códigos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de elegância convidam a adaptação das novidades para cada corpo e personalidade (LIPOVETSKY, 2009, p. 43).

[...] a moda trabalhou no refinamento do gosto e no aguçamento da sensibilidade estética; civilizou o olho, educando-o para discriminar as pequenas diferenças, para ter prazer nos pequenos detalhes sutis e delicados, para acolher as formas novas. [...] Norbert Elias notava como o universo de concorrência da corte despertava a arte de estudar os comportamentos e os motivos dos homens, acrescentemos que a moda empenhou-se nisso paralelamente, através da aparência e do gosto. [...] (LIPOVETSKY, 2009, p. 42)

As revistas femininas que são responsáveis pela divulgação das transformações ocorridas nas roupas já alertavam no início do século XX para suas leitoras realizarem as adaptações para adequação da vestimenta a sua individualidade, levando em consideração seu tipo de corpo e as estações do ano, além da retirada dos exageros. Na revista *Jornal das Moças* de 1 de julho de 1915, o artigo alerta para “só é legítima a moda que procura realçar a beleza natural ou então corrigir os defeitos. As modas não variam só com os países e estações do ano: variam de indivíduo a indivíduo”.

Não só as roupas mudam mais os corpos chamados de belos também mudam com os imperativos da moda. No século XIX as mulheres elegantes eram as que possuíam um corpo ampulheta talhado por espartilhos e anquinhas que comprimiam ventre e costas projetando seios e nádegas. Já no início do XX o famoso costureiro francês Paul Poiret rompe com o modelo anterior e a moda passa a ser a magreza. Além do que após a Primeira Guerra as “exuberâncias adiposas” passam a ser contidas não mais pelo espartilho mais pela cinta elástica. (DEL PRIORE, 2000, p.65)

Essa nova moda do corpo e da roupa também tiveram muita influência dos esportes, no período tratado nesse trabalho a prática do golfe, tênis, bicicleta, banhos de mar, etc tiveram um papel preponderante para as mudanças que se aceleraram após a Primeira Guerra. Com a prática do esporte a mulher torna-se esguia, esbelta e moderna o que pode se relacionar com o movimento artístico nascente, o modernismo. (LIPOVETSKY, 2009)

Segundo Mary Del Priore (2000, p.65) no Brasil as mulheres passam a se exercitar no período da República acompanhando assim as mudanças ocorridas nas cidades para

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

se assemelhem as capitais europeias. A prática dos exercícios vinha para combater o ócio e o hábitos mundanos da juventude, além da perseguição aos “quilinhos a mais”. Era escrito na revista *Sports* os exercícios que mais convinham as mulheres, que segundo eles são os que aumentam a flexibilidade e a destreza da coluna vertebral, práticas higiênicas e estéticas que desenvolvam a parte inferior do corpo. Nos periódicos também se exaltava e incentivava a prática esportiva, por exemplo na edição 25 do *Jornal das Moças* foi escrito que

os elegantes antigos sempre se entregaram com ardor a toda a sorte de sports. E nada mais natural. Os exercícios desenvolvem o corpo, tornando-o assim mais bello. Não há belleza sem saúde. D’ahi a elegância, nascida da saúde, portanto amiga dos sports. [...] (JORNAL DAS MOÇAS, 1915, n.25)

Pode-se destacar que as revistas femininas não só fizeram referência as roupas que deveriam usar como também ao corpo adequado para fazê-lo e o que seria necessário para alcançá-lo mantendo a feminilidade. Tudo o que na época poderia interferir ou melhorar, dicas em geral para a vida das mulheres estava contido nas revistas femininas em circulação no momento contemplado nesse estudo.

Utilizando as nuances da moda como possibilidade para estudar história espera-se conseguir estabelecer com alunos a relação entre os fatos estudados na disciplina de História e a modificação que as roupas sofrem nesse momento e que são traduzidas nos desenhos e artigos publicados em uma das revistas femininas em de grande circulação nacional que era a *Jornal das Moças*.

Com esse contato próximo com a fonte histórica o aluno teria mais interesse em interagir com ela (ECCO, 2007, p. 131) e esse contato seria transformado em investigação com observação voltada para aquilo que impacta a discussão e a produção do conhecimento. No artigo produzido pela professora Kátia Simioni Martins Bodan (2014) afirma-se que o uso da análise documental pode colaborar para que o aluno busque referências sobre o tema abordado, realize leitura qualificada do material, relacione diferentes temporalidades, demarque aspectos comparativos entre as fontes analisadas, e, assim estabeleça relações com seu cotidiano.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Nesse estudo partimos da perspectiva que a análise da vestimenta de um determinado período pode trazer ao aluno a curiosidade de refletir também sobre a constituição da sua própria roupa, como surgem os estilos que estão em alta, onde ele se inspira e qual a origem dessa roupa e inspiração, podendo assim elaborar seus pensamentos para seu contexto de vida e o da sociedade que habita.

Encarando a moda como um princípio de leitura social podemos usar suas gravuras e artigos publicados no *Jornal das Moças* para analisar e tentar interpretar os conflitos decorrentes de 1914 a 1918. O uso de imagens em sala de aula traz a possibilidade de interpretação da história com riqueza de informações e detalhes, afinal as imagens não devem ser consideradas simples reflexos de sua época, mas extensões de contextos sociais em que foram produzidas (LITZ, 2008).

Como produto desse estudo originou-se uma sequência didática que nada mais é que: “Um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual, oral ou escrito”. (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004 apud ZAQUEU, 2015, p.9). Com este recurso pedagógico, poderão perceber como eles mesmos também são fruto da História e como a influência de diversas culturas e conflitos se aplicou para a constituição da sociedade em que vivemos.

Há muito tempo se discute como estimular o interesse dos(as) estudantes pelo conteúdo das disciplinas, como aproximar o científico do cotidiano, trazer o contexto vivido pelos(as) estudantes para dentro da sala de aula e, a partir disso, ensiná-lo. A moda é uma dessas opções, uma fonte histórica rica que está presente no dia a dia de todos e que muda na velocidade que a própria sociedade se transforma. Discutir esse tema, que parece banal para alguns, pode trazer valiosas percepções que devem ser aproveitadas e incorporadas pelo(a) professor(a) na discussão do tema trabalhado em sala de aula. Os(as) estudantes têm muito a acrescentar se os caminhos do conhecimento lhe parecerem mais próximos. A escola sempre será um espaço profundo para a produção de saberes históricos.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Nukácia Araújo de. **Revistas femininas e educação da mulher: o jornal das moças**. Anais do Simpósio ALB, 2014.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- BONDAN, Kátia Simioni Martins. **Metodologias diversificadas para o ensino de História: cotidiano, formas de vestir, comer e narrar na antiguidade romana.** In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE: Produção Didático-pedagógica, 2014. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.2. (Cadernos PDE).
- CALANCA, Daniela. **História social da moda.** Tradução de Renato Ambrosio. São Paulo: Editora Senac, 2008.
- DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.
- ECCO, Idanir. **O ensino de história: evidências e tendências atuais.** R. ciências humanas, v.8, n.10, p. 123-141, jun. 2007.
- FEIJÃO, Rosane. **Moda feminina e imprensa na Belle Époque carioca.** IARA – Revista de moda, cultura e arte, v.5, n.1, p. 5-21, mai. 2012.
- JORNAL DAS MOÇAS.** Rio de Janeiro. Menezes, Filho & C. Ltda. 1914-1918.
- LIMA, Sandra Lúcia Lopes. **Imprensa feminina, revista feminina: a imprensa feminina no Brasil.** Projeto História, São Paulo, n. 35, p. 221 – 240, dez, 2007.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas.** Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LITZ, Valesca Giordano. **O uso da imagem no ensino de história.** In: PARANÁ. Secretária de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Curitiba: SEED/PR, 2009.
- MACENA, F. F. *Madames, mademoiselles, melindrosas: "feminino" e modernidade na revista Fon-Fon!*. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890 – 1922).** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.
- NIELSEN, Jen. **Women and the First World War.** In: Socialist Review. United Kingdom, Mar. 2015. Disponível em: <http://socialistreview.org.uk/400/women-and-first-world-war> Último acesso em: 30 de março 2021.
- PERROT, Michele. **Minha história das mulheres.** Tradução Angela M.S Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)**. Tradução de Assef Kfoury. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

SOARES, Diego dos Santos; SILVA, Ursula Rosa da. **O Jornal das Moças: uma narrativa ilustrada das mulheres de 30 a 50 & sua passagem por Pelotas nas décadas**. XVII SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA ARTE, n.3, 2013, Universidade Federal de Pelotas.

TEIXEIRA, D.P; SILVA, S.R.A. **A moda em tempos de guerra: da saia sino à androgenia**. Revista eletrônica de moda, vol.6, n.1, p.49-68, set. 2018.

ZANON, M. C. **Fon-Fon!: um registro da vida mundana no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Patrimônio e Memória, v. 1, n. 2, p.18-30, 2005.

ZAQUEU, Aline Aparecida Pereira. **Proposta de uma sequência didática que trate da história rural do Brasil e da formação da consciência histórica**. 2015. 28f. Dissertação – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências. Bauru, 2015.